

4. "Terás um tesouro no céu"

O Evangelho do jovem rico é importante para provar que a alegria é essencial à vocação.

Mas quando é que estamos realmente felizes? Quando é, por exemplo, que salta a alegria em uma criança? Fundamentalmente quando se encontra um tesouro, uma coisa preciosa mais do que qualquer outra, algo que o coração percebe preferível a tudo.

Para São Bento, digamos desde já, embora o aprofundaremos depois, o tesouro é o amor de Cristo, Cristo que nos ama e Cristo para amar. Basta a frase essencial do capítulo 4 da Regra: "Nada antepor ao amor de Cristo" (RB 4,21).

Esta frase nos ajuda a interpretar também o que aconteceu com o jovem rico.

Jesus, de fato, olha para ele com amor e propõe que ele não prefira mais nada a esse amor, isto é, que esse amor se torne o único e eterno tesouro de sua vida: "Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: 'Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me'." (Mc 10,21)

Jesus, em poucas palavras, oferece ao jovem o seu amor como tesouro eterno, infinito, no céu, e esta oferta é a vocação do jovem rico, a sua estrada a seguir, o seu caminho para seguir Jesus. Eu dizia que a alegria se desencadeia, salta em nós quando encontramos um tesouro. Quando Jesus oferece ao jovem um tesouro no céu, oferece-lhe a maior alegria, uma alegria infinita. A única condição para ter o tesouro é o seguimento de Cristo, dizer sim ao seu chamado para estar com Ele, porque Ele é em pessoa o tesouro da vida. Encontrando Jesus, escutando a sua voz, descobrimos que vocação, tesouro e alegria estão indissolivelmente ligados.

Sobre isso nunca meditaremos o suficiente sobre a parábola do tesouro escondido no campo em Mateus 13,44: "O Reino dos Céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo."

Normalmente gosto de citar também a parábola imediatamente ligada a esta, a parábola da pérola (Mt 13, 45-46), dizendo que há mais radicalidade na parábola da pérola, porque o homem que a compra se vê sem possuir mais nada e a viver como um mendicante que guarda perto do coração a pérola que vale tudo aquilo que tinha e deixou. Mas me dou conta que para meditar sobre o carisma da nossa vida consagrada, monástica, como sobre toda vocação, talvez seja mais útil meditar sobre o tesouro no campo, justamente porque o homem que vende tudo e compra o campo se vê possuindo um campo no qual está escondido o tesouro, e essa imagem é muito útil para meditarmos sobre aquilo que vivemos quando concordamos em seguir Cristo.

De fato, a vocação de cada um de nós sempre acontece um pouco assim. Descobrimos que naquela comunidade, naquela forma de vida, está escondido um tesouro, um tesouro que é uma relação mais profunda e viva com Jesus Cristo.

No fundo, descobrimos imediatamente que esse tesouro é a pérola do amor de Cristo que nosso coração quer manter em si mesmo e guardar sempre dentro de si. É a descoberta de um olhar de amor que é verdadeiramente para nós, que toma todo o nosso coração, que nos promete vida eterna e alegria sem fim. De fato, quando nasce uma vocação, normalmente a alegria é muito grande, uma alegria que no início será mais forte do que qualquer outro sentimento; uma alegria que nos liberta dos altos e baixos dos nossos sentimentos. Essa alegria não podemos mais negá-la, mesmo que como sentimento ela se enfraqueça, e muitas vezes caímos de volta na tristeza, quem sabe na "noite escura". No entanto, aquela experiência de Cristo que nos olha, nos ama, nos chama, nos dá tudo de si e pede todo o nosso coração, essa experiência da pérola, do tesouro que vale mais do que a vida, permanecerá oculta, mas realmente presente no campo que, se escolhemos dizer sim para seguir Cristo naquela forma de vocação, teremos adquirido. Compramos o campo porque o tesouro está escondido nele.

Quando entramos no postulante, no noviciado, sobretudo quando professamos nossos votos, fazemos, ou deveríamos fazer, como aquele homem da parábola que "cheio de alegria, vende todos os seus bens e compra aquele campo". A alegria pelo tesouro é a energia que permite sua liberdade de vender, de desapegar de si "tudo o que tem" para comprar o campo. Mesmo os fiéis leigos que se sentem chamados ao matrimônio compram, por assim dizer, o campo da vida familiar, porque percebem que para eles ali está escondido o tesouro de Cristo que os chama a segui-Lo no amor esponsal e no acolhimento dos filhos.

Assim, o real início de todo caminho vocacional, após a primeira renúncia a tudo, consiste em encontrar-se na posse de um novo campo sobre o qual viver, mas um campo que tem a característica única e exclusiva de esconder o tesouro da nossa vida. Não há nenhum outro campo no mundo que a nós esconda o tesouro do amor de Cristo, o tesouro do Reino de Deus.

Mas neste ponto frequentemente, muito frequentemente, acontece que, seja individualmente, sejam comunidades inteiras, vindo morar no campo para comprá-lo com tudo o que venderam, porque nele está o tesouro, exatamente naquele campo, em vez de começar a cavar por toda a vida para encontrar o tesouro escondido, o que se faz? Se passa a vida a... cultivar salada! Ou talvez até cenouras, ou morangos, ou árvores frutíferas. Alguns nesse campo conseguem construir uma bela casa, uma bela igreja, ou talvez uma fábrica, um parque de diversões ou até mesmo um altíssimo arranha-céu. O que vocês quiserem. O problema é que, quer se cultive salada ou se construa um arranha-céu, todo o interesse e esforço está tensionado na direção oposta em relação àquela onde o tesouro está escondido. É o problema da torre de Babel. Construimos alto para conquistar o mundo e termos poderes divinos, mas esquecemos que tudo isso é estéril se esquecermos o tesouro que encontramos porque um Outro nos deu.

Jesus nos explica em outras passagens do Evangelho que esse tesouro no céu, no fundo, é a nossa alma, a vida divina que recebemos quando o Senhor nos cria e sopra em nós, como em Adão, o sopro da vida (cfr. Gn 2, 7).